

**Educação e Moda na Segunda Guerra Mundial: as Voluntárias da  
Legião Brasileira de Assistência (1942-1945)**

Ivana Guilherme Simili<sup>1</sup>

**Resumo:** A Legião Brasileira de Assistência foi criada em 1942, por Darcy Vargas, esposa de Getúlio Vargas, com a finalidade de amparar os soldados e seus familiares. Durante o período da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial (1942-1945), característica marcante da instituição foi a atuação de mulheres, como voluntárias. Esta comunicação tem por objetivo examinar o voluntariado feminino criado pela Legião Brasileira de Assistência, sob o foco da educação e da moda de Guerra. Deslindo os modos pelos quais os conceitos patrióticos de cooperação entre os sexos ao serem usados pela instituição na mobilização, na preparação e nos serviços instaurados foram desenhando tipos e estilos de voluntárias, com maneiras de as mulheres serem, agirem, comportarem-se, vestirem-se e se apresentarem, conformando-lhes aparências que sinalizam para os processos educativo-pedagógicos e a produção de moda.

**Palavras-chave:** moda; voluntárias; Legião Brasileira de Assistência.

**Abstract:** The Brazilian Legion of Assistance was created in 1942, for Darcy Vargas, wife of Getúlio Vargas, with the purpose to support the soldiers and its familiar ones. During the period of the participation of Brazil in World War II (1942-1945), characteristic of the institution was the performance of women, as voluntary. This communication has for objective to examine the feminine volunteers one created by the Brazilian Legion of Assistance, under the focus of the education and the fashion of War. I define the ways for which the patriotic concepts of cooperation enter the used sex when being for the institution in the mobilization, in the preparation and in the restored services types and styles of volunteers had been drawing, with ways them women to be, to act, to behave, to be dressed and if to present, conforming appearances to them that signal for the educative-pedagogical processes and the production of fashion.

**Key-words:** fashion; volunteers; Brazilian legion of Assistance.

Em outubro de 1942, nos primórdios da criação da Legião Brasileira de Assistência, por Darcy Vargas, foi publicado pela *Revista O Cruzeiro*, um periódico que ditava moda e comportamento entre as mulheres, uma reportagem que pode ser tomada como significativa da mobilização feminina que foi desencadeada pela instituição para conseguir a adesão e a composição do voluntariado feminino.

---

<sup>1</sup> Professora da Uem, do Departamento de Fundamentos da Educação. No texto, apresento o resultado da pesquisa “Educação e Moda na Segunda Guerra Mundial: um estudo sobre as voluntárias da Legião Brasileira de Assistência (1942-145)”, que teve o apoio financeiro do CNPQ.

Com o título “Garotas, a postos” e subtítulo: “Assim leitora você deve procurar imediatamente um dos postos da Legião Brasileira de Assistência e matricular-se num dos seus inúmeros cursos especializando-se numa das muitas formas de trabalhar pela causa da liberdade”, a mensagem mostra o chamado dirigido às mulheres para que se “especializassem” de modo a que pudessem trabalhar pela liberdade, leia-se, pela luta da vitória do país no conflito mundial, cujo ingresso havia ocorrido em agosto de 1942.

Além do chamado a reportagem trazia também as “especialidades” criadas pela instituição e nas quais as mulheres podiam participar. Para a “seção de secretariado e arquivo” era solicitado que as mulheres tivessem senso de organização, porque o trabalho requeria paciência e critério; para a inscrição na “divisão de comunicação, como censora, mensageira, telefonista, telegrafista etc”, era preciso “mais técnica”, alertando, porém, que se a mulher se julgasse com aptidões diferentes poderia ingressar para o corpo de saúde e Pronto Socorro, a fim de tratar dos feridos em caso de ataque aéreo. Ou então, tratar da Educação Popular, cuidando de crianças, ensinando artes domésticas, lavar, cozinhar, afirmando-se que “estas atividades são importantíssimas em tempo de guerra”. “No departamento de Material você poderá costurar, fazer ‘tricot’ e ‘crochet’. Não há grande dificuldade nestas tarefas, temos de reconhecer”. Ressaltava ainda: “além de muitas outras coisas as mais diversas para as quais será designada, de acordo com as suas possibilidades, você poderá tratar da Correspondência Familiar”, servindo de elemento de ligação entre o soldado e a sua família”; finalizando “Não perca tempo, corra a um dos postos da LBA”.

A reportagem das “Garotas, a postos”, como um artefato pedagógico cultural, traz os ensinamentos que foram incutidos no universo das mulheres de que o trabalho delas era peça importante às engrenagens institucionais e que podiam cooperar fazendo “alguma coisa” para ajudar na luta do país e pelas causas dos soldados, porque vale lembrar, “amparar os soldados e seus familiares” foi o objetivo fixado pela primeira-dama na criação da Legião Brasileira de Assistência, a qual contou com o apoio do empresariado e cuja sede foi estabelecida na capital carioca, Rio de Janeiro.

Ao tratar dos trabalhos que podiam ser desempenhados pelas mulheres, a reportagem compõe alguns dos estilos e perfis femininos que vieram a transformar a Legião Brasileira de Assistência em espaço de atuação feminina: as secretárias e arquivistas na organização dos serviços; as censoras, mensageiras, as telegrafistas com conhecimento técnico para o desempenho de suas funções de ajudar na correspondência; as enfermeiras cuidando dos doentes; as educadoras populares ocupando-se dos cuidados com crianças e

comprometidas com o ensino doméstico; as costureiras fazendo roupas e as artesãs manuais do *tricot*, *crochet* e, finalmente, as responsáveis pela “correspondência familiar”, zelando pela troca de mensagens entre os soldados e seus familiares.

A documentação da Legião Brasileira de Assistência indica que àqueles perfis e estilos femininos, os cursos oferecidos nos anos de 1942, fizeram emergir outras configurações femininas. No cenário institucional surgem as voluntárias da defesa passiva-antiaérea, preparadas para atuar na proteção da população em caso de provável bombardeio; as voluntárias da alimentação, aptas para transmitir ensinamentos às donas de casa sobre práticas da economia e consumo de alimentos; as visitadoras e educadoras sociais, responsáveis pela prestação de assistência às famílias dos soldados – esposas e filhos; as samaritanas socorridas, formadas para o atendimento de enfermagem.

### **Educação e moda no corpo das voluntárias**

“Cada momento social requer um tipo de presentificação e atuação que se encontra normatizada pelo contexto social”. (CASTILHO, 2002, p.94). Os serviços e as atividades criadas pela Legião Brasileira de Assistência para serem exercidos pelas mulheres foram acompanhados pela “normatização” do vestuário, porque a instituição definiu que o trabalho de alguns segmentos femininos devia ser executado por meio do uso de uniformes.

Nas interpretações para a história da moda durante os anos de Guerra, as influências dos uniformes dos soldados no vestuário feminino é uma constante. Afirma-se que, influenciada pelos uniformes, as roupas teriam ganhado uma certa masculinização e, na moda feminina, duas peças teriam dado o tom na composição do guarda-roupa das mulheres: as saias que ficam mais justas e o casaco. (BRAGA, 2004, p.79- 80).

Particularmente, no Brasil, as descrições para a moda nos anos de Guerra também apontam para as mudanças observadas nas roupas femininas, que se tornam mais “comportadas e sérias”. Nas narrativas para a moda de Guerra, no Brasil, afirmam-se que as saias teriam ganhado força, ficando seis dedos abaixo do joelho, e não se usava mais a cintura baixa. Para o dia, os trajes oficiais eram o *tailleur* e os vestidos trespassados, com pregas ou *drapés*. Para trabalhar, a brasileira passou a vestir saia de cor sóbria e blusa de jérsei, com gravata do mesmo tecido da saia, acompanhados de carteira, chapéu de feltro e luvas de pelica. (MOUTINHO; VALENÇA, 2005, p.131).

Uma concepção que norteia as interpretações para a moda nos anos de Guerra é a relação entre momentos/acontecimentos históricos, políticos, econômicos e modificações no vestuário. Esta concepção está sintetizada na análise de James Laver (1989, p. 252) no exame das roupas de Guerra, afirmando que elas demonstram a força dos reflexos da situação econômica e política vigentes, o que denomina a “atmosfera do momento”, na moda.

A relação entre moda e Guerra na França, ao ser examinada por Dominique Veillon (2004, p. 7) também parte do princípio da existência de uma articulação entre o que denomina “fenômeno da moda” e as reviravoltas políticas, entre os comportamentos indumentários e as tomadas de posição induzidas pelos acontecimentos extraordinários vividos pela França de então”, referindo-se, portanto, aos anos da ocupação alemã da França – 1940 a 1944. A narrativa que ela faz da moda francesa é exemplar no sentido de indicar a forma pela qual a Guerra ditou uma mudança no figurino e nos comportamentos femininos, mediante a incorporação de peças dos soldados no visual e no guarda-roupa, como por exemplo, o uso dos chemisier cáqui, botões dourados nos casacos e de peças como os barretes, os quepes de feltros, ou ainda, a maneira pela qual os alertas obrigam as mulheres a procederem a uma revisão no guarda-roupa, priorizando roupas práticas e quentes como os trajes de esqui; ou ainda, como os novos tempos são sinalizados nas ruas da capital com a multiplicação das mulheres fardadas, com “tailleur preto, camisa branca e gravata preta e a transformação do guarda-roupa em sóbrio, marcado pelo fim dos vestidos vistosos, dos bonezinhos excêntricos, das jóias extravagantes e das unhas cor de sangue, para se restringir apenas ao tailleur estrito, quando muito, acompanhado por um casaquinho de crepe, um chapeuzinho de feltro acompanhados por uma bolsa grande.

Nas narrativas panorâmicas e nos estudos particularizados para a moda que grassou pelos países durante o conflito mundial, observa-se que a Guerra proporcionou o surgimento de algumas tendências, que direta ou indiretamente, teve nas roupas militares a inspiração para a criação de estilos no vestir e nos comportamentos, informando as leituras, adequações e adaptações das roupas e peças masculinas para o uso das mulheres, vislumbrado principalmente nas saias, em substituição às calças, símbolo e marca do vestuário para os homens. Disso resultando que, na Guerra, os uniformes dos soldados teriam servido para a produção de moda ao mesmo tempo em que definia o panorama do vestuário feminino.

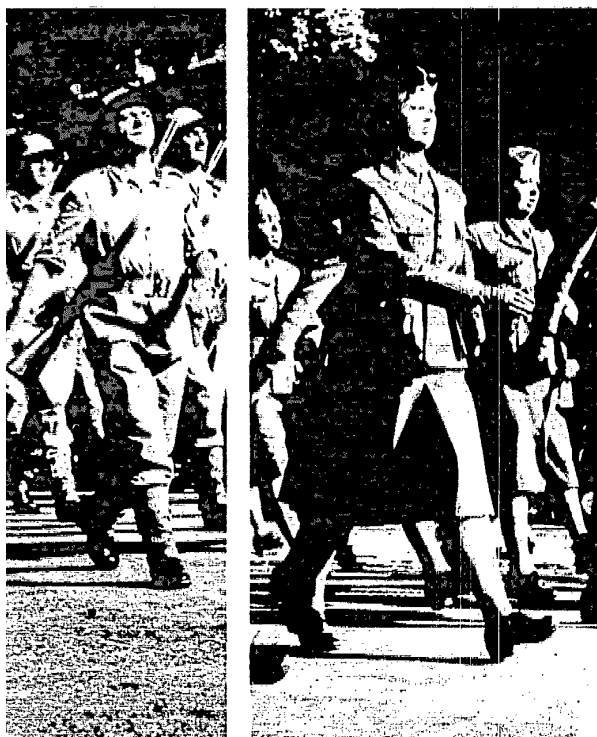
O uso dos uniformes pelas mulheres da Legião Brasileira de Assistência revela a mudança no figurino que acompanhou a transformação delas em atuantes na instituição, criando para elas determinadas aparências. As fotografias das voluntárias indicam que durante suas formações nos cursos preparatórios fornecidos pela instituição e a ocupação delas nos

trabalhos institucionais foi marcado pela criação de uniformes para alguns dos segmentos de voluntárias.

Com isso, as mulheres passaram a ostentar sobre seus corpos, determinadas peças, cores e estilos que informavam o grupo a que pertenciam nos espaços institucionais e fora dele. O guarda-pó e o uso das toucas protetoras dos cabelos foi o uniforme criado para a voluntárias da alimentação; apenas o guarda-pó foi a roupa com a qual as legionárias da costura se apresentavam para costurar; a paramentação dos uniformes de enfermeiras foi empregado na atuação das samaritanas socorristas; os uniformes dos soldados, na versão feminina era o figurino das voluntárias da defesa passiva antiaérea.

De todos os uniformes, sem dúvida alguma, o uniforme das voluntárias da defesa passiva antiaérea, informa de maneira nítida as influências da farda dos soldados na composição do visual, porque as peças das fardas dos homens foram adaptadas para as mulheres.

Uma fotografia que circulou na Revista *O Cruzeiro* pode auxiliar na compreensão das semelhanças e diferenças nos uniformes dos homens e das mulheres.



(Revista O Cruzeiro, 03.06.1944, p. 53)

“Desfilam guerreiros do Brasil”, eis o título da reportagem que acompanham as fotografias. Os fragmentos visuais, segundo informações da Revista, foram obtidos durante o

desfile da Força Expedicionária Brasileira, em 24 de maio de 1944, antes da partida para o front da Itália. Na legenda da imagem é ressaltada a participação feminina no evento, destacando-se que “a mulher brasileira foi a primeira a dar contribuição desinteressada à nobre causa da democracia, oferecendo-se para os serviços auxiliares”.

A idéia da contribuição e da colaboração feminina nas causas dos homens, na luta deles, numa guerra está presente na disposição das fotografias na página da Revista, a dos soldados e das voluntárias, uma ao lado da outra.

Justapondo as imagens dos homens e das mulheres, das fotografias emanam representações que alimentavam as idéias e concepções patrióticas criadas durante o período da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, tais como da união e cooperação entre os sexos, da luta que devia ser empreendida pelos homens e mulheres pela Vitória da Pátria<sup>2</sup>.

Os ideais patrióticos revestem os corpos dos soldados e das voluntárias, porque a contribuição e a cooperação dos homens vestiam calças e a das mulheres, saias. A esta diferença, associam-se outras, no lugar do cinto que prendia a farda masculina, um cinto com bolsa para as mulheres e em vez uso do coturno usado por eles, os sapatos baixos para elas.

A aproximação nas roupas desses personagens permite que os uniformes das voluntárias sejam classificados como “quase masculinos”. De acordo com Craik (2003,p.17) os uniformes quase masculinos estariam associados à incorporação de disciplina, confiança, habilidades características para atuar na esfera pública.

Nesse aspecto, é importante registrar que de acordo com a documentação consultada, a disciplina, a confiança foram habilidades e competências que orientaram os cursos preparatórios visando a formação delas, como voluntárias da defesa passiva antiaérea. O curso tinha um objetivo claro: formar mulheres disciplinadas para desempenharem suas funções de guardiãs dos bens simbólicos e reais da nação – das edificações e da população-, em caso de provável bombardeio.

No entanto, também, no uso dos uniformes pelas voluntárias, traços da “feminização”, um segundo tipo de uniforme definido por Craik (2003), cujo emprego pressuporia o treinamento físico e emocional para fins educacionais e assistencial. Embora a disciplina tenha sido o fio condutor das práticas pedagógicas de suas formações, o objetivo de suas preparações era a de educá-las para que as habilidades consideradas pelos homens, como “naturais” ao feminino, de altruísmo, obediência e abnegação, fossem alargadas para a população, na prestação de assistência à população na guerra. O conteúdo educativo e

---

<sup>2</sup> Esta reflexão foi feita apoiando-se no estudo de CYTRYNOWICZ, 2000.

assistencial orientou, portanto, o treinamento físico e emocional, disciplinando, por intermédio dos uniformes, os corpos e as representações, feminizando os comportamentos e condutas das mulheres na guerra.

Mais que isso: os uniformes das voluntárias da Legião Brasileira de Assistência foram produtores de moda e participaram da moda feminina nos anos da Segunda Guerra Mundial, criando modos de ser, comportar-se e se vestir, que informam as mudanças inseridas no universo das representações das mulheres, transformando-as em contributivas, cooperativas com os homens e suas lutas.

### **Referências:**

BRAGA, João. **História da moda: uma narrativa**. 4. ed. SP: Editora Anhembi Morumbi, 2004.

CASTILHO, Kathia. **Moda e linguagem**. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2004.

CRAIK, Jennifer. A política cultural do uniforme. **Fashion Theory**, v.2,n.2, p.5-26, jun.2003.

CYTRYNOWICZ, Roney. **Guerra sem Guerra**. A mobilização em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Geração Editorial: Editora Universidade de São Paulo, 2000.

LAVIER, James. **A roupa e a moda: uma história concisa**. Trad. Glória Maria de Mello Carvalho. SP: Cia das Letras, 1989.

MOUTINHO, Maria Rita; VALENÇA, Máslova Teixeira. **A moda no século XX**. Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2005.

REVISTA O CRUZEIRO, out. 1942.

REVISTA O CRUZEIRO, Jun.1944.

VEILLON, Dominique. **Moda & Guerra**: um retrato da França ocupada. Tradução e glossário de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2004.